

# GALERIA REPUBLICANA

PROPRIETARIO — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

**Director:** — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Fernando Leal, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 4

Fevereiro — 1882

1.º anno

## NO 81.º ANNIVERSARIO DE VICTOR HUGO

Por intermedio de Magalhães Lima, pede-me o proprietario d'esta folha uma biographia de Victor Hugo para commemorar o actual anniversario do incomparavel poeta.

Pois, apezar da amizade que me liga ao sympathico e distincto jornalista, e da fervorosa admiração que voto ao altissimo poeta da Humanidade, não accederei ao pedido, e vou dar, com a brevidade possivel, as razões da abstenção.

Não ha muitos dias, por occasião das eleições para o senado em França, publicava um jornal parisiense as notas biographicas dos diversos candidatos. Quer o leitor saber o que esse jornal dizia a respeito do mais illustre de todos elles? — Isto, pouco mais ou menos:

Victor Hugo. — Filiação: Victor Hugo. — Naturalidade: Victor Hugo. — Edade: Victor Hugo. — Profissão: Victor Hugo. — Residencia: Victor Hugo.

Nada mais.

Taes são, com effeito, os unicos esclarecimentos biographicos, que, no ultimo quartel do seculo e em plena Europa, se podem razoavelmente dar, sem cair na superfluidade e na banalidade, ácerca de um tal homem.

Com risco de passar por idólatra, ou, mais determinadamente, por hugólatra, como diria Theophilo Gautier, acho que pedir aos contemporaneos a biographia do homem que es-

creveu os *Miseraveis* e a *Levra dos séculos*, é quasi o mesmo que pedir a biographia do Sol. Nada é mais evidente do que esse astro — para

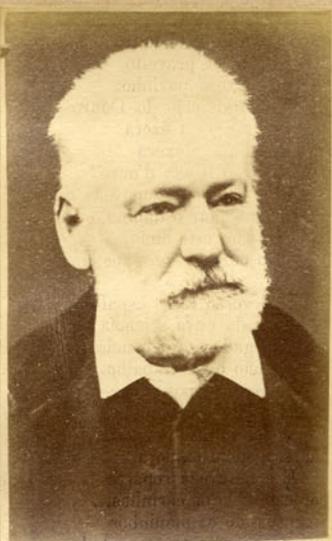
o que é muito melhor — para os dissipar. Ora, isto que, desde o principio dos tempos, faz o sol no mundo tem-n'o feito, durante mais de meio seculo, no mundo moral e intellectual, aquelle sublime velho a quem Chateaubriand já tinha chamado «a creança sublime!»

Para o poeta ser em tudo comparavel ao astro, não podia deixar de ter as suas manchas. Não no caracter, que esse é puro como o diamante da melhor agua, mas na sua fulgurante litteratura. São os defeitos d'algumas das suas creações. Isso mesmo, porém, era necessario para a sua eterna gloria, a fim de nos convencermos bem, — e conosco a mais remota posteridade — que Victor Hugo é verdadeiramente um homem, e não um mytho. Ser um homem, um grande homem, mas sempre amarrado á fatal grilheta humana, o erro — como uma aguia d'azas bem fortes para voar no infinito azul e que o destino encadeasse ironicamente a um rochedo — nada mais bello, mais comovente, mais tragico, mais digno do respeito e do amor dos outros homens. — Ser um impecavel, uma edição contrafeita do grande mytho a que chamámos Deus — que

suprema semsaboria!

Querem saber, porém, qual é, na minha humilde opinião, o maior defeito de Victor Hugo, como escriptor? O seu maior defeito, atrevo-me a dizer, é justamente a sua maior qualidade, a maior prova do seu grande

quem pôde vêr. O Sol aquece, illumina, fecunda, vivifica, anima, consola. E cada um dos seus raios é uma flecha de luz, que penetra bem fundo na caverna das trevas, e trespassa o coração dos espectros e dos monstros, não para os ferir, mas —



VICTOR HUGO

caracter e do seu immenso genio: o não poder, mesmo nas suas creações immortaes, abdicar a sua fortissima personalidade. Parece que a natureza dotou este homem d'um aparelho visual extraordinario, que tem, ao mesmo tempo, a faculdade d'um microscopio para augmentar o infinitamente pequeno, e o poder d'um telescopio para aproximar o infinitamente distante. E' por isso, talvez, que, abrangendo na esphera da sua visão poderosa a escala inteira dos seres, vê se reflectido a si mesmo em todos elles, como qualquer vé a sua imagem n'uns olhos que o defrontam de perto. Assim, por exemplo, n'aquella assombrosa creação de João Valjean, ha occasiões em que este forçado sente, pensa e falla, como o faria o proprio Victor Hugo, se o destino o tivesse levado a arrastar uma grilheta em Toulon, — hypothese menos arrojada do que talvez pareça, se reflectirmos que, assim como foi infígida a morte infamante na cruz áquelle que prégou o Evangelho, poderia muito naturalmente — se se cumprisse a vontade secreta dos modernos Caifazes — ser condemnado á vida infamante nas galés aquelle que escreveu — na bella phrase d'um poeta nosso — o Evangelho do século XIX.

Mas abençoado defeito, felicissima culpa do genio! porque eu tenho o mau gosto de — embora contra a verosimilhança, e em que peze aos corripheus do *naturalismo* — preferir sempre a linguagem socratica de Victor Hugo, mesmo na bocca d'um forçado sublime, ao calão viscoso do vicio o á giria tenebrosa dos facinoras.

Em todo o caso, apezar d'esses defeitos, ou d'essas manchas do Sol, que a sua deslumbrante photosphera me não deixa distinguir, eu prefiro ser um Persa de Zoroastro a ser um Inca do Perú!

E, comtudo, a Victor Hugo não tem faltado os detractores. E' que tambem não ha verdadeira gloria sem elles. E que detractores! O maior de todos foi um fundibulario terrivel, que tinha a destreza e a valentia d'um David alliadas á estatura d'um Goliath! — Chamava-se Proudhon. Alguns dos outros chamam-se L. Veuillet, G. Planche, E. Zola, tambem fundibularios temidos. Deram algumas vezes no alvo os seus tiros. Podéra não! se elle é tamanho! Mas atiravam-lhe á cabeça, e acertavam-lhe nos joelhos. Atirem lá pedras ao Hymalaia, e esperem que hão-de chegar ao cimo da montanha!

Para não ser taxado de admirador inconsciente, e *quand même*, procuremos mostrar, com um ou dois exem-

plos — que para mais não dá o espaço de que disponho — a pouca certeza e o pequeno alcance d'alguns d'esses fraquissimos tiros, disparados por tão grandes atiradores.

Proudhon, o grande Proudhon, que por ser a personificação completa do bom senso moderno, no que elle tem de mais justo, elevado e — releve-se o pouco rigor da phrase — de quasi absoluto, era por isso mesmo a negação do bom gosto, do senso esthetico, Proudhon, no seu livro *Du principe de l'art*, criticando severamente algumas obras de Victor Hugo, accusa, por exemplo, de absurda, por ser injusta e immoral, aquella assombrosa composição da *Légende des siècles*, que se intitula *Sultão Murad*.

Devo, antes de tudo, explicar que escolho muito deliberadamente, nas minhas recordações, para exemplo de criticas, a meu vér menos justas, feitas a Hugo, esta de Proudhon, dando com isso um penhor da mais imparcial boa fé. Não só porque Proudhon foi, sem contestação, o mais poderoso adversario do grande poeta, mas tambem por esta sua accusação ao *Sultão Murad* me parecer a mais habil, a mais vigorosa, e até a mais sincera de quantas se tem feito á obra colossal de Hugo.

Não ha lugar aqui para uma analyse, mesmo summaria, da questão. Sómente posso dizer aos que leram o *Sultão Murad* e a critica de Proudhon, que o eminente philosopho, encarando sem a retrospecção da historia e da lenda, o poema de que se trata, não pode comprehender o poeta. Aquella composição pertence ao genero da poesia legendaria, como todas as do mesmo livro — o que o proprio titulo d'este immediatamente indica. Victor Hugo não podia, pois, nem devia, sem falsear a sua propria concepção d'aquellas epopeias da *Lenda dos seculos*, substituir n'ellas, pelo seu criterio philosophico individual ou pelo sentimento moderno da justiça e da moral, o modo de sentir e de pensar dos tempos que resuscitou para a immortalidade da poesia. Ora, sem discutir, em absoluto, a justiça da concepção incriminada, é certo que ella corresponde fielmente ao espirito das tradições islamitas e á moral religiosa do Koran, a qual, n'este ponto particular — de que se salva quem estiver, no momento da morte, em estado de *graca* — concorda aliás plenamente com a moral theologica de outra religião semitica muito nossa conhecida.

Custa a crêr que o espirito de Proudhon, tão singularmente lucido, não reparasse no que a mim se revelou com evidencia. E' que, ás vezes, os

grandes pensadores, como estão olhando para muito longe, deixam de vér o que lhes fica muito perto. Pois, no mesmo *Sultão Murad*, ha uns versos em que a voz de Allah, fallando ao sanguinario dêsputa, já morto, diz:

« Mais tu viens d'avoir, monstre, un éclair de pitié;  
Une Incur suprême et désintéressée  
A, comme à ton insu, traversé ta pensée;  
Et je t'ai fait mourir dans ton bon mouvement... »

N'estes versos, principalmente no ultimo, está a justificação do que se afigurou absurdo, injusto e immoral ao critico, e, por consequente, está a refutação prévia da sua critica.

De todos os detractores de Hugo, o mais moderno é o sr. Zola. A opinião d'este romancista da moda tem hoje, em Portugal, os fóros de oraculo infallivel para um enxame de minusculos Zolas, sem ideias e sem estylo, pequeninos eunucos do bello ideal, que reconhecem no grande Emilio o sultão omnipotente do triste serrallo das letras, onde elles se estorcem na raiva medonhamente ridicula da impotencia, e vão ganhando no falsete caracteristico do terceiro sexo, que Victor Hugo não passa de um rhetorico banal e não sei até se idiota!

Furibundos micromegas!

Apressamo-nos a confessar que o sr. Zola não vae tão longe na protervia como os seus liliputianos seides de Portugal. Elle, arremettendo na sua furia de iconoclasta contra o colosso litterario d'este século, reconhece ao menos que é um lyrico o auctor das *Orientaes*, d'essas odes maravilhosas onde a riqueza da imagem se allia ao mais resplandecente colorido, onde o leitor se embala n'um continuo sonho estrellado, onde ha pinturas deslumbrantes, visões de fadas e harmonias ineffaveis, onde a alma nada n'um banho ideal de perfumes deliciosos, de luzes radiantes, de flores encantadas e de mulheres divinamente bellas!

E já para agradecer ao sr. Zola o não haver regateado o diploma de lyrico ao poeta das *Orientaes* e das *Folhas do outomno*, dos *Cantos do crepusculo*, das *Vozes interiores*, das *Canções das ruas e dos bosques* e dos *Raios e sombras*.

Valha-nos isso. Mas vejamos. Com que então Victor Hugo não é senão um lyrico? Mais nada?... *Allons donc, M. Zola!*

Não ha nada mais facil do que mostrar ao absurdo d'aquella restricção, que seria revoltantissima, senão fosse inauditamente irrisoria. Basta relancear a vista por um catalogo, mesmo incompleto, das obras de Hugo e perguntar:

Com que então não é mais que um lyrico o poeta dos *Châtiments*, da *Lenda dos seculos* e do *Anno terribel*?

Não é mais que um lyrico o romancista de *Nossa Senhora de Paris*, dos *Miseraveis* e de *Noventa e trez*?

Não é mais que um lyrico o dramaturgo de *Cromwell*, de *Hernani*, de *Marion Delorme*, de *Le Roi s'amuse*, de *Ruy Blas* e dos *Burgraves*?

Não é mais que um lyrico o auctor de *William Shakespeare*, de *Paris*, de *Napoleão o pequeno* e da *Historia d'un crime*?

Presumo que o auctor dos *Rougon-Macquart* não morre de amores pelo segundo imperio—o que se denuncia em muita parte dos seus livros, apesar da impessoalidade systematica do seu processo litterario, processo que, diga-se de passagem, comquanto se chama naturalista, será sempre bem pouco natural, pelo menos enquanto o escriptor não se sujeitar a uma ou mais viviseções no encephalo, para, deixando de ser um organismo intelligente e consciente, transformar-se n'uma especie de aparelho graphico, mero receptor automatico das acções externas.

O sr. Zola, ia eu dizendo, revela incidentalmente nos seus livros o seu justo desamor ao segundo imperio. Mas onde nos poderá esse escriptor mostrar um só livro, seu ou alheio, em que a propria origem do segundo imperio esteja assignalada para a posteridade como nos incomparaveis monumentos: *Napoleón le petit*, les *Châtiments*, *Histoire d'un crime*—o pamphleto, a satyra e a historia da infancia de Luiz Bonaparte?

Sim, magnanimo Zola, diz o sr. muito bem. Mesmo n'esses tres livros, Victor Hugo não é mais que um lyrico! Exactamente, como não foram mais que uns lyricos Tacito, Juvenal e Camillo Desmoulins.

O Bonaparte e os seus sicarios, Morny, Maupas, Saint-Arnaud e os outros, marcados na testa com um ferro em braza; as fardas, as togas, as batinas, cumplices do immenso attentado contra a França, arrastadas na lama sangrenta do boulevard Montmartre; todas aquellas faces vis, inexoravelmente esbofeteadas pela mão do grande poeta calcando o guante diamantino da Nemesis vingadora... Lyrismo! tudo lyrismo! nada mais do que lyrismo!—na opinião do sr. Zola.

Mas deixemos as criticas do illustre auctor dos *Do uments litteraires*, que não ha espaço para nos occuparmos d'isso agora, e empreguemos melhor o pouco de que dispomos falando nos *Châtiments*.

Ah! os *Châtiments*! Nunca o *facit indignatio versum* do satyrico de Roma teve uma confirmação mais terrivelmente bella do que n'essas paginas de bronze incadescente! Seja-me permitido repetir hoje o que n'outra occasião, com mais vagar e serenidade, escrevi d'esse livro formidavel.

Les *Châtiments* não é a maior, mas é a mais completa das obras de Victor Hugo, aquella que dá as mais nitidas vibrações do seu espirito e do seu character, egualmente grandes; porque é a mais espontanea de todas, e porque n'ella collaborou a sua alma viril de republicano com o seu genio immenso de poeta.

Esse livro, do qual tive a temeridade de querer dar em portuguez algumas amostras, é a explosão mais vehemente, mais sagrada e mais esmagadora da colera humana. Retalha e vibra como um azorrague, fulmina e troveja como um raio. Sente-se n'ello o voar olympico da aguia e o rugir do leão ferido; mas sente-se, principalmente, o grito do homem de bem indignado, que insulta a vilania triumphante. Imaginem, se o não leram, que um Miguel Angelo da palavra fundiu, em moldes modernos, o grito propheticó de Isaias, a satyra inexoravel de Juvenal, a sombria indignação do Dante; fação uma ideia do que vale esse monumento immortal. Monumento para o grande artista que o levantou, pelourinho de infancia eterna para o miseravel imperador que n'elle fica amarrado e exposto á execração e ao despreso da Historia. Os versos dos *Châtiments*, bronzes na grave sonoridade, adamantinos na rijeza e no brilho, provarão tambem aos seculos futuros, que, se houve grandes corrupções e grandes crimes no nosso tempo, como tem havido sempre, comtudo a alma humana, bem longe de ter amollecido, de se ter aviltado com os deleites d'esta civilização, que é tão sensualista como foi a da Roma dos Cesares, manteve-se no século XIX, pelo crisol do protesto, na mesma pureza inextinguível e no mesmo nível supremo a que se alça na antiguidade com esses refractarios sublimes do Direito, que se chamam, no campo das ideias, Tacito, no campo dos factos, Catão.

Commovida e reverente, a posteridade contemplará o vulto épico de um velho erguendo-se, como o vidente de Pathmos, n'um rochedo cercado pelo mar, e trovejando anathemas frementes contra o assassino traçoieiro de uma Republica e de milhares de Francezes; enquanto meia Europa monarchica applaudia servilmente o facinoroso victorioso, e

a outra metade se calava de medo.

E' forçoso pôr termo a este artigo, que já vac bem longo para o pequeno jornal onde me convidaram a saudar Victor Hugo pelo seu 81.º anniversario.

Soffrendo, ha cerea de dois annos, de uma pertinaz doença, vivendo muito afastado do conflicto das letras patrias em que um dia entrei com a unica intenção—bem mallograda, como era justo que o fosse—de vulgarisar entre nós algumas das obras primas do grande poeta, não tive, comtudo, animo para me eximir de lhe render a minha pobre homenagem; e correspondi ao pesado encargo, como sabia e podia.

Agora, para que o leitor, ficando ao menos com uma grata impressão final, possa relevar a minha desalinhada prosa, vou terminar offerecendo-lhe algumas linhas inéditas de um illustre poeta nacional, que não podem vir mais a proposito, porque são uma eloquente e calorosa homenagem a Victor Hugo. Fazem ellas parte de uma carta que em outubro de 1879 me escreveu Guerra Junqueiro. O poeta da *Morte de D. João* promettera escrever, para um livro meu, uma ode a Victor Hugo; pedindo-lhe eu, por aquelle tempo, o cumprimento da promessa, elle, que estava mal convalescido d'uma grave molestia, respondeu-me de Vianna do Minho o seguinte:

«Meu amigo, cantar Victor Hugo n'este momento, é-me impossivel. Era o mesmo que se me convidassem a escalar o Himalaya! Não tenho pernas, nem pulmões. Uma ode a Victor Hugo deve ser d'uma altura, d'uma elevação vertiginosas, para que ao menos lhe possa dar, pelos joelhos. Offerecer uma violeta a um roble é comico. Cantar um trovão com um assobio!! que ridiculo! Pois quê! havia de eu dizer ao oceano—toma lá uma lagrima?! Queria você que eu prendesse á aza titanica do vendaval, com uma fitinha azul, uma carta de namoro! Para cantar o homem que fez cahir o imperio, era necessaria a trombeteira que fez cahir Jericó.

«Pegue você n'uma tonelada de bronze de canhões, já acostumado a rugir, funda-o n'um clarim monstruoso, diga á tempestade—Sopra-lhe!—e terá você o primeiro verso da ode a Victor Hugo.

«Arranje em seguida outra tonelada de ouro, derreta-a n'outro clarim, diga a uma alvorada deslumbrante—Sopra-lhe!—e terá você o segundo verso do poema.

«Finalmente, diga ao mesmo tempo a cem creanças:—Ride!—a cem cotovias—Cantae!—e a cem estrel-

las d'alva :— Brillhae ! — e terá você o terceiro e ultimo verso da epopeia.

«Organise no alto do Sinai um terceto em que o tenor seja Isaias, o baritono Homero, e a contralto Vénus, com os cabellos d'ouro ainda orvalhados pela musselina alvissima das ondas do mar da Jonia — e terá você um coro olympiaco digno do auctor dos *Châtiments*, do *Satyro* e das *Canções das ruas e dos bosques*.»

E, depois de ter fallado o poeta da *Musa em férias*, embora surprehendido em estylo familiar, mas sempre eloquentissimo — ponto final.

FERNANDO LEAL.

A VICTOR HUGO

(27 DE FEVEREIRO DE 1882)

I

Eu, que sigo as doutrinas da Verdade, que me prostro ante o altar da Liberdade, e aprendo as novas Leis ; eu que sinto no fundo do meu peito crescer a indignação, ao ver o preito que se consagra aos reis ;

eu que verto um amargo e triste pranto, e aos hombros trago o miseravel manto do povo, meu irmão ; eu que nas brandas cordas d'uma lyra exprimo muitas vezes quanta ira me vae no coração ;

eu que os padres de Roma amaldição, e os crimes horrorosos não perdôo á seita de Jesus ; que quero ver cavar um largo abysmo onde se afunde o févo despotismo, que tanto mal produz ;

eu que encaro com odio extraordinario o antigo e regio monstro sanguinario, que, a tiros de cambões, responde á plebe que justiça implora e á luz fulgente d'uma nova aurora irrompe em saudações ;

eu, que maldigo as trévas do Passado, aqui venho meu canto enthusiasnado agora desprender em honra do poeta, cuja gloria é, ouvindo do povo a triste historia, cantar o seu soffrer

II

Aos pés do Imperio a França agonisava ! Cesar de sobre o solio a dominava ! Hugo, fectando o algoz, co'a penna fustigou as tyrannias e abriu caminho aos tormentosos dias Do seu exilio atroz !

III

De lá voltou depois de ver o Imperio nos fossos sepulchraes d'um cemiterio ! Só quando resou da França livre o canto da victoria, o austero heroe que já pertence á Historia o exilio abandonou !

IV

Desde esse dia, em cada anniversario, ao heroico soldado octogenario as novas gerações vão consagrar mil preitos respeitosos ! Entoam os seus hymnos jubilosos alegres multidões !

E não sómente a França, o berço qu'rido em que tanto o estro seu tem fulgido, saúda o velho heroe, que tem na lyra os raios flammejantes com que fere os devassos imperantes que a podridão corroe.

Tudo quanto hoje aspira á luz do dia, tudo o que sente horror á tyrannia que nos tenta vencer, curva-se e presta um culto fervoroso ao martyr que um Imperio criminoso outr'ora fez soffrer.

V

Eu, que vivo entre o povo escravizado, tambem quiz levantar este meu brado, soltar os cantos meus ! As estrophes singellas ahi ficam em honra do que os povos glorificam e tornam semi-deus !

REKKAREDO.

CHRONICA

Discutiu-se na camara dos deputados a resposta ao discurso da corôa. Não basta que o rei já o seja *por graça de Deus* ; — ainda para mais affrontam a nação, mostrando-lhe que ella, de facto, nada vale e para nada serve, porque n'esta santa terra tudo é da corôa e para a corôa, da monarchia e para a monarchia.

Pobre povo ! tão pouco fazem de ti que nem sequer te dão importancia — a ti, que pagas e produzes ! — de ler o teu discurso, isto é, o discurso das tuas miserias, da tua ignorancia e da tua expolição de cada hora.

Não ! a ti, que és um mero comparsa no palco da torpissima politica realista, que nos devora e escravisa, dão-te apenas o *deficit*, os emprestimos, o imposto e o despeso...

E se ousares fallar, ai de ti ! porque lá está então o sr. Arrobas com a sua policia e a Boa-Hora com as suas fianças depravadas.

Por isso te impõem uma mordação ao pensamento e uma algema aos pés e muitas vezes um guizo ao pescoço.

Mas deixa correr o tempo, meu bom amigo. Nunca assististe aos espectaculos theatraes ? De noite tudo deslumbra, as luzes, o scenario, os trajos dos actores, as palmas e os applausos do publico.

De dia porém, se fôres visitar essa casa onde tantas coisas te fascinaram, verás que a luz do dia dissipou a tua illusão, — que os actores são hemens como nós, que o scenario era de papelão e a luz do gaz é uma luz trivial comparada com os reverberos do sol.

O espectáculo era uma illusão, como a monarchia, e o sol, o grande pae da vida, é uma realidade como a republica.

\*\*\*

A proposito : Já sabes que te querem arrancar

a pelle exigindo de ti mais DOIS MIL E QUATROCENTOS CONTOS DE RÉIS de impostos ?

Quando chegará o dia em que terás de apparecer na rua, sem camisa, e em casa sem pão para os teus filhos ?

Pensa bem n'esta circumstancia, que é de certo o teu existir de hoje, e verás, meu valente trabalhador, que não fazes bem em consentir semelhante estado de consas.

Emancipa-te, emancipa-te e quanto antes, meu velhote...

\*\*\*

É dever fallar-mos n'esta chronica de dois livrinhos, que n'este momento acabamos de receber.

Intitula-se o primeiro — *La Revolution Peninsular* — e é seu auctor o distincto advogado e já hoje conceituado escriptor, o nosso confrade Frutos Martinez y Lumbreras, filho do nosso bom amigo, do amigo de todos nós, os portuguezes, D. Benigno Joaquim Martinez.

É um livro de boa doutrina politica, maduramente pensado e excellentemente escripto. É alem de tudo isso uma evidente revelação de estudo e de talento, tanto quanto basta para que nos congratulemos com o seu auctor pelo seu interessante trabalho.

\*\*\*

Já leram a *Orgia* ? Saú o primeiro numero. É o que, em boa linguagem, se pôde dizer um canhão Krupp assestado contra a monarchia e os seus escandalos.

Que Gomes Leal, o audacioso escriptor, receba um valente aperto de mão por este seu novo e brilhante successo.

SILVIO.

ERRATA

Amigo e Sr.

Peço-lhe o obsequio de fazer publicar no proximo numero da *Galeria Republicana*, a seguinte errata aos meus versos — *Resposta a um catholicos*.

No verso 23, que começa :

Mostrar em facto a lei, etc.

deve ler-se :

Mostrar em cada facto a lei, etc.

De V. amigo e correligionario  
Ateazandre da Conceição.

EXPEDIENTE

No proximo numero damos o retrato do dr. José Jacintho Nunes.